

# Julieta Monginho

## Metade Maior

Editorial Estampa

Nada é gratuito nem linear em *Metade Maior*, romance com que Julieta Monginho volta a surpreender-nos pela sua notável capacidade de criar alegorias que convidam o leitor a ir mais fundo ao sistema de significados sociais que a própria teia romanesca oferece.

No quarto 424 da Pensão Carinho, Alice é morta. E começa assim um perturbador jogo de máscaras e riscos depois de Holden, cliente do sexo, satisfazer a sua perversidade. A pequena Emília (Mimi), filha da vítima, escondida junto às escadas, «fixa a cara e os passos fugitivos do homem que vai descendo. Desconfia do seu ar exausto».

A partir daí, o grande circo da vida intensifica-se, enquanto um rapaz de olhos verdes, Tomás (Tom para os amigos), desenha, na mesa de um café, «figuras inofensivas, sorridentes» e sonha com uma outra «criação do mundo», que não o da gente que se move como «plantas ambulantes», incapaz de viajar por «espaços infindáveis». Tom afirma-se, aliás, personagem decisiva no contexto do imaginário.

A mais intensa metáfora de *Metade Maior* centra-se precisamente na busca de «criaturas novas» que haveriam de transformar a avenida (cenário principal do romance, onde a morte «ataca», com moradores de diversas geografias, moradores do cimo e moradores de baixo, ciosos da sua fronteira. São metades, norte e sul, simbolizando um mundo dividido, viciado nas suas vidinhas, nos seus interesses, armadilhado, perigoso). Devemos sublinhar a mestria da escritora na forma como vai desenvolvendo a efabulação, tipificando bem os intérpretes, sejam Holden, o matador, e os seus filhos Miguel e Virgínia, seja o senhor Ismael com livraria instalada num ponto

estratégico da avenida, numa «guerra permanente contra a fronteira», mas que de santo nada tem. O «convívio com as letras não o torna sábio, torna-o descarado, exposto à felicidade. Da avenida faz mundo, da literatura vida, da queda modo de alcançar». Ele, hábil, fazendo desabar livros que provocassem a queda da adolescente Virgínia. A queda... A Pensão Carinho...

A par desse domínio na estruturação da intriga, Julieta Monginho trabalha uma ironia cuidada, arma essencial à sátira que este romance (também) é. De mão dada à ironia anda o universo de uma prosa que alcançou a maturidade da linguagem, num estilo de fortes contrastes, combinando o quotidiano (destacamos, por exemplo, os diálogos das adolescentes na Casa Lumena) e um dizer mais elaborado, tocando o poético contido em especial na parte final da narrativa. *Metade Maior* é um daqueles livros que nos coloca muitas perguntas sobre a condição humana sem que as faça expressamente. As jovens Mimi e Virgínia caminham juntas. De repente, o barulho, o clarão. Virgínia já noutra instante sentira o perigo ao lado do irmão Miguel que tanto a protegia. Virgínia não entendia, contudo, por que ninguém lhe dizia qual a profissão do pai. E interpelava as suas metades: desejava ser livre, todavia, precisava das mãos da mãe a entalarem-lhe os cobertores para lhe aconchegar o sono. Não sabia «o que fazer às duas metades tão certinhas que berram uma contra a outra até a deixarem exausta, trauteando de manhã canções que à noite lhe dão vontade de chorar.» E agora, ao lado de Mimi, outro clarão. Virgínia não escapa à «rajada infernal».

A romancista dá-nos aqui um momento literário primoroso. «Como um bicho acossado Mimi baixa a cabeça, agacha-se, refugia-se na terra. Grita com as mãos postas nos ouvidos. Continua a gritar até que alguém a agarra pelos braços e a puxa para si. Mal abre os olhos vê Virgínia caída no chão, mesmo aos seus pés. Debruça-se para a acordar, chama-a alto e alto, sem resposta. O cabelo molhado cheira agora a ervas e a sangue, já não respira».

O executor falhara o alvo. Holden, ao ver a filha (Virgínia) «morta em vez da outra, confundida com a outra, trocada de destino com a outra, (...) soube que a sua missão de matador só agora começava realmente. Não pouparia nenhum culpado e não desdenhava os inocentes. Desta vez dispensaria o sangue frio (...). Escrúpulos e remorsos para quê? Dispensava outras dores. Aquela era total, não admitia rivais.» Holden, mata, mata (...), sistematizando, pensando que «Não adiantava matar a órfã primeiro, mosquinha que um simples piparote faria desaparecer do mapa».

Julieta Monginho aviva então a grande busca. Nos tumultos da avenida aparece uma criança, bebé: Ema, a salvadora. Aquela que todos procuram, a que todos desejam ou de quem todos necessitam para renascerem. Ema é salva no hospital, entregue aos cuidados do Dr. Assis. Menina-mulher, 14 anos, Mimi, que jurara nunca mais chorar ao saber da mãe morta na Pensão Carinho, chorou. Lutava por Ema, queria Ema. Quem seria a mãe de Ema? Numa outra cama do mesmo hospital estava Clarice, decepada, ela que se encantara por Ismael. Fala das suas feridas. E o Dr. Assis vê, espantado, que Clarice ainda tem leite. Encosta a menina ao peito da mãe, «ajuda-a a encontrar o leite».

Entretanto, a detetive Simone desempenha o seu papel no meio de tanta morte, homicídios, assassinos. Desmonta inclusive o engodo da Loja da Felicidade. Por seu turno, o velho forasteiro, Fernão, idealiza, no quarto 424, uma «sinfonia coral», uma ponte de gente que tudo uniria. Acaba por não se aperceber de que na avenida se instalara uma espécie de guerra civil.

E chega a hora de Tom e Miguel se encontrarem e desencontrarem na forma de levar por diante a busca de um mundo novo. Tom tenta desenhar «algo que afaste o perigo, talvez um grande sol amarelo». Miguel acaba por ficar a tocar na sua viola, entoando *Green Sleeves*, «consolando os que estão tristes e cansados de sofrer».

Mimi, a Amorosa, não desiste de Ema. Unem-se por fim os dedos de Mimi, Clarice, Ema e do Dr. Assis. Nasce uma «família nova». Até o ardiloso Ismael mudara o seu destino. Ele e Fernão, «velhos náufragos» que o rio devolve à terra, passam para o quadro de uma família perfeita, essa que preserva «o seu poder de futuramento».

Um ano depois, Ema escuta a «canção do barquinho». E Tom, o rapaz de olhos verdes que desenhava novos seres, «entregou o caderno à criança com uma esferográfica cor-de-rosa. Pôs-se a vê-la desenhar. (...)».

Julieta Monginho, vencedora do Grande Prémio de Romance e Novela da APE pelo seu livro *A Terceira Mãe* (2008), reforça em *Metade Maior* a excelência do seu processo criativo. A ficcionista desafia a exatidão das matemáticas e faz-nos descobrir uma outra dimensão das metades. Há uma metade maior: talvez, ou sobretudo, a do imaginário, da busca, a que ambiciona novas criaturas, a que acredita na criança, a que funda os elos da família, a que permite entender que «Há tantos mundos quantos os olhares e isso é maravilhoso», tal como Tom diz a Mimi. O romance termina com o capítulo *Livro das Utopias*. Não é por acaso mas não perde por isso. As utopias podem igualmente acrescentar algo de bom às metades, pelo menos a uma, tornando-a maior a bem do “repovoamento” do sonho.

© MARIA AUGUSTA SILVA

### **TAMBÉM NESTE SÍTIO**

ENTREVISTA A JULIETA MONGINHO  
REALIZADA NA OCASIÃO  
DA PUBLICAÇÃO DO ROMANCE  
«À TUA ESPERA»

**LER**

[http://www.casaldasletras.com/maria\\_Grandes%20Entrevistas.html](http://www.casaldasletras.com/maria_Grandes%20Entrevistas.html)